

A QUEM IMPORTA A MORTE? NOTAS SOBRE O ASSASSINATO DE ATIVISTAS TRAVESTIS NA AMÉRICA LATINA (2000 – 2024)

ARTEMÍSIA VULGARIS ANTUNES DEWES¹; SIMONE DA SILVA RIBEIRO GOMES²

¹Universidade Federal de Pelotas – msiavulgaris@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – simone.gomes@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Samantha Carolina Gómez Fonseca (1987 – 2024) nasceu em Monterrey (Novo Leão, México), estudou direito e administração de empresas, era uma mulher trans que defendia e lutava pelos direitos humanos da população LGBTQIA+ e das pessoas privadas de liberdade e trabalhou durante muitos anos na política mexicana. Em 2022, ela foi condecorada com a *Medalla al Mérito de las y los Defensores de Derechos Humanos 2022*. Infelizmente, Samantha Fonseca tinha 37 anos quando foi brutalmente assassinada à tiros dentro de um carro de aplicativo de viagens em janeiro de 2024 na cidade de Xochimilco (**MX**), depois de sair de uma visita a uma penitenciária masculina. Este caso é um dos 255 casos de assassinatos de pessoas trans* na América Latina e no Caribe registrados em 2024. Ao total, o número chega a 350 homicídios registrados globalmente pela *Transgender Europe and Central Asia (TGEU)*, uma Organização Não Governamental (ONG) que realiza a *cistematização*¹ desses assassinatos desde 2008.

O assassinato de Samantha Fonseca ilustra o início deste trabalho por condensar aspectos de um tipo específico de assassinato na América Latina: uma travesti defensora de direitos humanos. Uma travesti que defendia e lutava pela dignidade de pessoas dissidentes. A travestifobia/transfobia que a desumanizou, humilhou e exterminou seu corpo é composta por camadas e camadas de violência estrutural — e estruturante — das relações sociais na experiência de pessoas dissidentes. Nesse sentido, as vivências de pessoas trans e travestis são, por excelência, vivências perpassadas pela presença de violência constante. Ser travesti te torna um alvo letal.

Levando em consideração o ativismo como uma categoria em aberto que aglomera as experiências de luta, resistência e/ou sobrevivência em defesa dos direitos humanos e, nesse sentido, configurando-se como uma atividade de extremo risco para quem a exerce — porque vai contra interesses e normas econômicas, políticas e sociais —, caracterizo o ativismo travesti como uma ação política-crítica-social em favor dos direitos humanos de pessoas trans* e travestis — mas não somente — numa espécie de ruptura onto-epistemológica com os padrões e normas cisgêneras estabelecidas sobre pessoas trans* e travestis, além de articular novas possibilidades de existência.

A presente pesquisa encontra-se em fase inicial e está sendo desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pelotas sob orientação da professora doutora Simone da Silva Ribeiro Gomes. Para realizá-la, estou confeccionando um banco de dados empíricos original com informações

¹ Utilizo o prefixo “cis” como uma provocação para demarcar o lugar hegemônico que a cisgeneridade ocupa como um marcador estrutural e estruturante das relações sociais.

pessoais e gerais sobre as ativistas travestis e seus respectivos assassinatos durante o século XXI.

Pensando na construção de uma bibliografia que envolvesse o recorte específico da pesquisa na área da sociologia, num primeiro momento decidi focar a busca no entendimento do transfeminismo/ativismo em diferentes lugares da América Latina. Nesse sentido, realizei uma revisão de literatura que abarca conhecimentos transfeministas de AMANDA PALHA (2019), PAUL PRECIADO (2011), SAYAK VALENCIA (2014; 2018), JAQUELINE GOMES DE JESUS (2019) e, também, escolhi um dossiê produzido pela organização HEINRICH-BÖLL-STIFTUNG (2021) que trata sobre os sentidos do transfeminismo para ativistas trans* na América Latina. Além destes, COLLINS (2024) nos oferece um caminho para refletir e analisar os assassinatos a partir das intersecções letais que atravessam os corpos travestis antes, durante e depois que os assassinatos — ou a possibilidade de haver os assassinatos — são efetivados. Para a autora, o cruzamento de diferentes desigualdades sociais como raça, gênero, classe, território permite e legitima que determinados corpos sejam mais ou menos violentados.

Os textos escolhidos dialogam entre si no sentido de articular diferentes debates sobre o transfeminismo e abordar áreas como a filosofia a partir de Paul Preciado e Sayak Valencia, psicologia com Jaqueline Gomes de Jesus e teorias como o marxismo transfeminista de Amanda Palha. Apesar de não ter selecionado textos da área sociológica, acredito que criar um panorama geral para tentar compreender o recorte do ativismo, necessariamente, perpassa outras áreas do conhecimento científico.

O objetivo geral da pesquisa de mestrado é: compreender de que maneira os assassinatos de ativistas travestis/transfemininas na América Latina entre 2000 e 2024 se relacionam com suas identidades de gênero, sua atuação política e outros fatores estruturais e conjunturais presentes nos contextos locais. Já como objetivos específicos intenciono (I) discorrer sobre o movimento social de travestis e/ou mulheres trans na América Latina, os conceitos de ativismo/militância e transgeneridades/travestilidades a partir da ótica transfeminista; (II) analisar com profundidade o banco de dados empíricos original de ativistas travestis assassinadas em países latino-americanos de 2000 a 2024 e (III) entrevistar mulheres trans e travestis defensoras de direitos humanos e/ou lideranças na América Latina

2. METODOLOGIA

A presente pesquisa está sendo conduzida sob uma abordagem mista — método quali-quantitativo — a partir de uma pesquisa hemerográfica com análise documental, na busca de compreender em profundidade as nuances do fenômeno investigado.

O método qualitativo, além de dar base para a discussão teórica, está sendo dirigido com uma postura exploratória e aberta para as descobertas prévias que podem surgir, inclusive, durante a coleta dos dados empíricos. Uma das técnicas qualitativas que utilizo é a análise documental dos casos encontrados *online* em jornais, *sites* de ONGs estatais — quando disponíveis — e relatórios de direitos humanos.

Já na metodologia quantitativa pretendo aplicar a técnica de Análise Geométrica dos Dados (AGD) com foco espacializar e inferir resultados a partir da Análise de Correspondências Múltiplas. Esta técnica permite visualizar

especialmente diversas variáveis num mesmo plano cartesiano (CANTU, 2009), o que pode ser útil na hora de trabalhar com o banco de dados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o momento, já foi realizada revisão de literatura, o estado da arte do tema e estou no processo de construir o banco de dados original a partir da análise documental de casos.

Investigo o assassinato de ativistas travestis na América Latina no período de 2000 a 2024 por notar uma lacuna na literatura de movimentos sociais e ativismo sobre esse tema. Há pesquisas sobre o homicídio de travestis na América Latina, mas o recorte específico do ativismo/da defesa dos direitos humanos realizado pelas travestis assassinadas não é suficientemente explorado dentro da academia.

A falta de informações no levantamento de dados — ou até mesmo na investigação e resolução dos assassinatos — sobre a população travesti é um indicador da transfobia institucionalizada e perpetuada nas esferas econômica, política e social. Uma reafirmação desse fato é a subnotificação de casos de assassinatos. Um dado apresentado por BENEVIDES (2024, p. 69-70) é que, num total de 145 assassinatos de pessoas trans* ocorridos em 2023 no Brasil, em apenas 37 casos de assassinatos os suspeitos foram reconhecidos e, destes, somente 29 foram detidos.

Ademais, estudar o ativismo travesti a partir do assassinato das ativistas é algo inédito. Nas revisões bibliográficas prévias feitas sobre o tema, não encontrei estudos específicos sobre, somente produções envolvendo o assassinato de travestis e mulheres trans de forma geral. Sendo assim, isso demonstra uma falta não somente na produção do conhecimento, mas no comprometimento sociopolítico com corpos dissidentes.

Portanto, procuro compreender a temática a partir de aproximações com o extenso debate que há sobre os assassinatos gerais de travestis na América Latina, buscando uma perspectiva transfeminista e um referencial teórico majoritariamente produtor por pessoas trans* e travestis, que me permita entender esses assassinatos e dialogar com o recorte do ativismo/militância/luta/resistência a partir do fazer político das travestis latino-americanas.

4. CONCLUSÕES

Pensando na lacuna citada anteriormente, teço algumas inquietações sobre os assassinatos das minhas ancestrais na América Latina, sendo elas: quais travestis assassinadas são consideradas ativistas/defensoras de direitos humanos? Qual o tipo de ativismo que elas exerciam? Por que o ativismo das travestis e mulheres trans é invisibilizado até mesmo no *post-mortem*? Quais as características interseccionais desses assassinatos?

Acredito que a inovação advinda desta pesquisa está, também, na tentativa de responder estas questões. E, além disso, com o aumento do conservadorismo e o retrocesso antigênero que está ocorrendo no âmbito dos direitos e políticas para pessoas trans* ao redor do mundo, investigar o assassinato de ativistas nos proporcionará ferramentas para criar políticas públicas que auxiliem no combate e na morte precoce de outras ativistas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENEVIDES, Bruna G. Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2023. Brasília, DF: Distrito Drag; ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais), 2024.

CANTU, Rodrigo. **A ciência dos economistas: entre dissensos científicos e clivagens morais**. 2009. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Sociologia)–Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Universidade Candido Mendes, Rio de Janeiro.

COLLINS, Patricia Hill. **Intersecções letais: Raça, gênero e violência**. Boitempo Editorial, 2024.

HEINRICH BÖLL STIFTUNG. *Transfeminismos na América Latina. Resumo de Achados*. **Sentiido**, 2021.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Xica Manicongo: a transgeneridade toma a palavra. **Revista Docência e cibercultura**, v. 3, n. 1, p. 250-260, 2019.

PALHA, Amanda. Transfeminismo e construção revolucionária. **Margem Esquerda**, v. 33, p. 11-18, 2019.

PRECIADO, Paul. Transfeminismo no regime farmacopornográfico. **Le cinque giornate lesbiche in teoria**. Roma: Ediesse, 2011.

VALENCIA TRIANA, Sayak. Teoría transfeminista para el análisis de la violencia machista y la reconstrucción no-violenta del tejido social en el México contemporáneo. **Universitas humanística**, n. 78, p. 65-88, 2014.

VALENCIA, Sayak. El transfeminismo no es un generismo. **Pléyade (Santiago)**, n. 22, p. 27-43, 2018.